

As velas que domaram Éolo. O caso do moinho de vento giratório identificado em Meinedo (Lousada)



No concelho de Lousada abundam as referências a moinhos de água. Por oposição, são nulas as informações relacionadas com a existência de quaisquer moinhos de vento. O facto, que encontra justificação na existência de uma intrincada rede hidrográfica e na relativa simplicidade das soluções arquitetónicas e tecnológicas exigidas à construção de uma moagem hidráulica, parece ter mantido os moinhos de vento arredados da paisagem das Terras de Lousada. Pelo menos até agora. Um encontro fortuito com uma referência documental trouxe à luz do dia uma nova realidade molinológica para o concelho, que não apenas confirma a existência de moinhos de vento, como detalha a sua tipologia: moinhos de vento giratórios.

Fotografia: Moinho de vento de giratório na faixa litoral entre a Figueira da Foz e Aveiro. Fotografia datada entre 1955 e 1970, da autoria de Artur Pastor. Espólio do Arquivo Municipal de Lisboa.

Texto e fotografia

Manuel Nunes
Arqueólogo
manuel.nunes@cm-lousada.pt

Paulo Lemos
Arqueólogo
paplemos@gmail.com

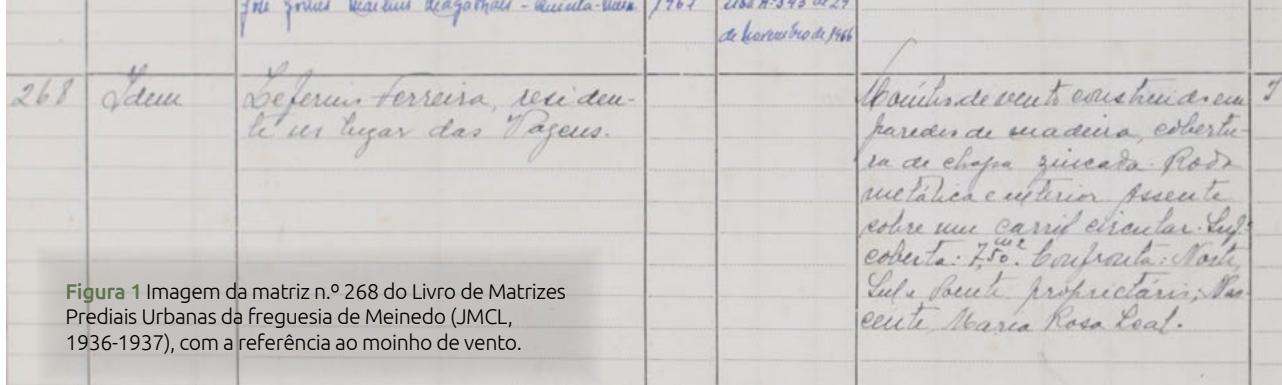


Figura 1 Imagem da matriz n.º 268 do Livro de Matrizes Prediais Urbanas da freguesia de Meinedo (JMCL, 1936-1937), com a referência ao moinho de vento.

O levantamento dos moinhos hidráulicos existentes no concelho de Lousada entre 2011 e 2021 teve por base um conjunto prévio e diversificado de fontes documentais e cartográficas (Nunes e Lemos, 2021:149). De particular interesse para este estudo, revelaram-se os livros das matrizes prediais, tanto rústicas como urbanas, elaborados entre os finais do século XIX e o final da década de 30 do século XX (DG, 1881, n.º 193:232-254; DG, 1898, n.º 51:21-45). Embora esta arregimentação de informação matricial se tenha revelado útil aquando dos trabalhos de campo, permitindo localizar, caracterizar e incorporar moinhos de água que não tinham sido detetados por via da prospeção arqueológica, mostrou-se também essencial noutras vertentes, nomeadamente na identificação de novas tipologias de moagens existentes no território e não identificadas anteriormente, fosse através dos trabalhos de campo, fosse através da documentação histórica.

Será neste quadro que se regista a primeira e inédita alusão a um moinho de vento em Lousada, neste caso a partir do Livro de Matrizes Prediais Urbanas da Freguesia de Meinedo (JMCL, 1936-1937, matriz n.º 268). O moinho situava-se no lugar da Quinta e era propriedade de Zeferino Ferreira, residente no lugar das Bages (Vagens), na mesma freguesia: “Moinho de vento construído em paredes de madeira, cobertura de chapa zincada. Roda metálica e exterior. Assente sobre um carril circular. Sup.º coberta: 7,5m²”. Zeferino Ferreira (1888-1965), espingardeiro de profissão, era casado com Deolinda Mota com a qual teve 16 filhos, entre os quais Salvador Ferreira da Mota, cuja única filha, Jacinta Ferreira, herdou a propriedade onde hoje, em vez do moinho de vento, existe uma pequena



Figura 2
Retrato de Zeferino Ferreira. Primeira década do século XX. (Arquivo de família).

habitação conhecida como “o moinho”¹. Tendo em conta a descrição matricial e as memórias orais e iconográficas conservadas pela família, e seguindo a tipologia definida pelos fundamentos da molinologia portuguesa (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983:253), que estabelece a existência de quatro grupos de moinhos de vento para o nosso país – moinhos fixos, de pedra; moinhos fixos, de madeira; moinhos giratórios e moinhos de armação –, estaremos perante um moinho de vento giratório.

Embora não se conheça a data exata da construção deste moinho de vento (o registo matricial é omissivo nessa matéria), ou o contexto em que foi edificado, informações recolhidas junto da família sugerem uma construção de raiz entre os finais da década de 20 e o início da década de 30 do

¹Apesar do moinho já não existir, a pequena casa ali construída posteriormente mantém, no seio da família, a designação daquela estrutura moageira.

século XX, estando o moinho em laboração plena em 1933, conforme atesta um desenho da moagem produzido por Adriano Mota Ferreira, um dos filhos de Zeferino Ferreira, já na fase final da sua vida. Por outro lado, perdura entre os atuais descendentes a memória oral desta construção se dever à necessidade de prover de farinha e, portanto, de pão, a grande família nuclear, situação que não poderia ser feita com recurso a um moinho de água, de mais simples e tradicional execução, pelo facto de, à data, Zeferino Ferreira não possuir terra com localização adequada para tal. Se, por força da profissão, era versado no manejo do metal e da madeira, Zeferino era também largamente viajado, pela necessidade de percorrer o país para acudir a toda a sorte de clientes. Neste contexto, e atendendo a que a família lhe recorda um inesgotável “espírito criativo”, é verossímil presumir que foi a necessidade a aguçar o engenho e que este, decerto já sabedor, de outras muitas viagens, dos diferentes tipos de moinhos de vento que, aos milhares, povoavam a paisagem portuguesa, soube escolher da faixa litoral, entre Caminha e Figueira da Foz, o modelo que mais se adequou à sua demanda de farinha – o moinho de vento giratório tipo Gândara ou Gandarez –, cuja materialidade, ao contrário das restantes tipologias, assentava no uso exclusivo da madeira e do metal. Com efeito,

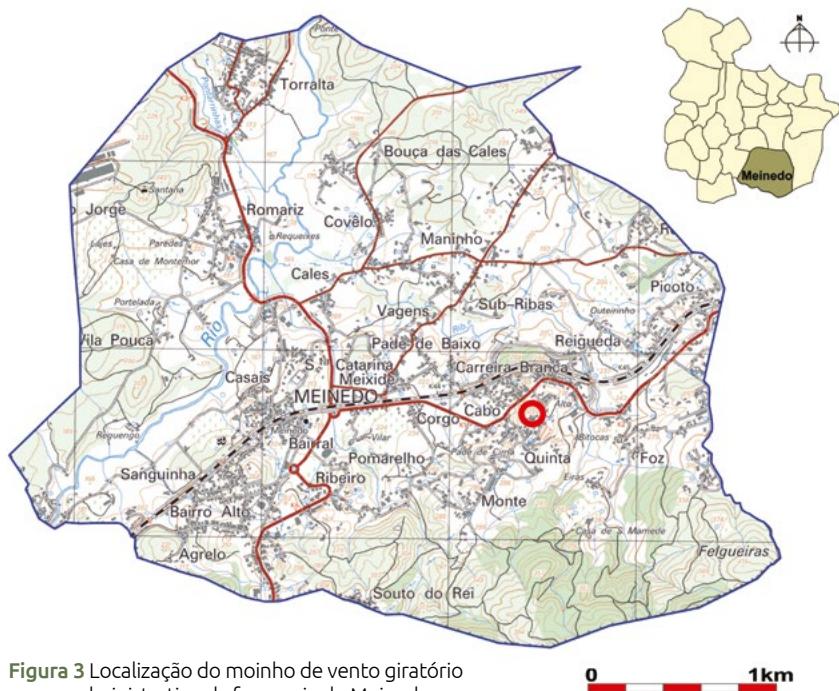


Figura 3 Localização do moinho de vento giratório no aro administrativo da freguesia de Meinedo e no concelho de Lousada. Excerto da Carta Militar de Portugal, IGE. Escala 1:25 000. Folha n.º 112.



Figura 4 Desenho do moinho de vento giratório de Meinedo produzido por Adriano Mota Ferreira em 2012 (Arquivo de família).

para além de serem estruturas rústicas de pequena dimensão e, por isso, de execução mais simples e barata, a utilização de um moinho giratório numa região onde o padrão de ventos, ainda que predominantemente do quadrante sul (SO-S-SE), se revelava inconstante e variável ao longo do ciclo anual, conferia-lhes uma utilização mais plástica, perfeitamente alinhada com o espírito empreendedor do projeto moageiro da família Ferreira.

O local escolhido para a implantação do moinho de vento foi um cabeço proeminente e destacado na paisagem, com boa

exposição eólica, cujo cumeeiro de pendor aplanado se ergue a 290 metros de altitude, no lugar da Quinta (41°14'55.8" / 8°14'34.3"). Embora na atualidade não subsista qualquer vestígio deste moinho de vento, nem sequer do único casal de mós que albergava, o desenho produzido por Adriano Mota Ferreira em 2012, permite acrescentar elementos valiosos à sumária descrição matricial e estabelecer paralelismos com moagens similares registadas fotograficamente noutras regiões do país ao longo da primeira metade do século XX. Na descrição presente nos compêndios portugueses de molinologia (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983:312-322), os moinhos de vento giratórios “caracterizam-se fundamentalmente pelo seu sistema de rotação, em que é o edifício que roda na sua totalidade, e não apenas o tejadilho, como nos tipos fixos de torre; por isso, esse edifício é inteiramente de madeira. (...) são casotas muito pequenas e rústicas, de formato prismático, de seis faces desiguais, quadro maiores laterais, dispostas simetricamente duas a duas a cada lado de duas estreitas, uma à frente, voltada ao vento, e outra atrás, onde fica a porta de entrada; e rodam em torno dum espigão excêntrico, cravado na sua base da frente, e apoiado sobre duas rodas de madeira ou pedra, aplicadas, atrás, a uma grade triangular em que assenta o soalho”. A distribuição destes moinhos correspondia a uma faixa litoral descontínua desde Caminha até à Figueira da Foz. Nas terras baixas e planas “os moinhos são montados, para melhor exposição ao vento, sobre uma elevação artificial de terra – *atêrros* – circulares, com cerca de 1 a 1,5 metros de altura”.

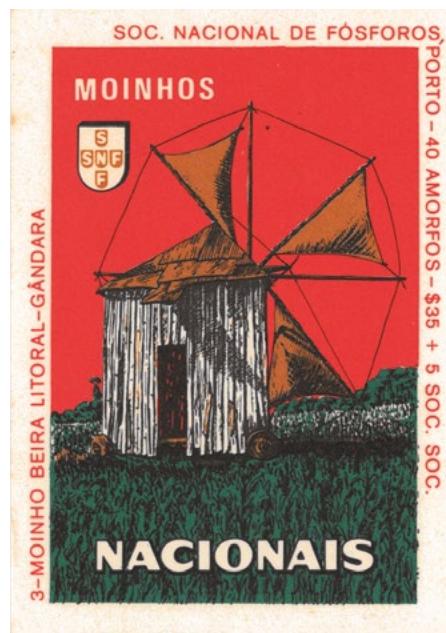
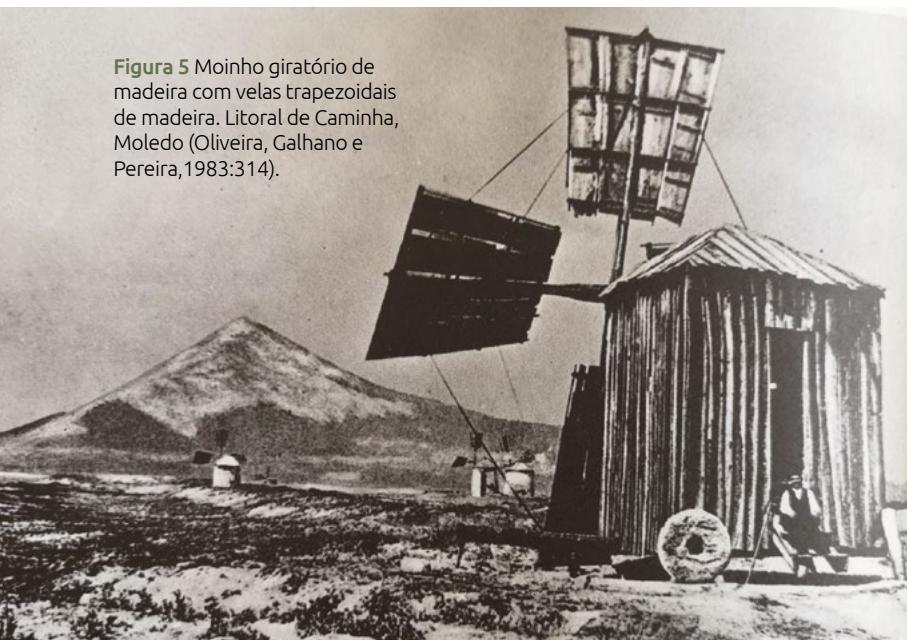


Figura 6 Representação de um moinho de vento giratório – tipo Gândara. Coleção “Moinhos” da Sociedade Nacional de Fósforos. Etiquetas. 1971-1972.

Em alguns destes moinhos giratórios, nomeadamente na Ilha de Porto Santo, os moinhos apresentam um travejamento de base distinto, quadrangular com traves cruzadas onde se fixam quatro rodas de madeira, que sustentam a estrutura cuja fixação se faz por um espigão central e não excêntrico (Melim, 2013:23-24). Analisando a imagem da figura 4, verificamos que o desenho incorpora soluções de ambos os modelos referidos (tipo Gândara e Porto Santo), e acrescenta outras não elencadas em nenhuma das tipologias, prova do espírito inventivo do construtor. Desde logo verifica-se a utilização de uma roda exterior metálica, e não de

Figura 5 Moinho giratório de madeira com velas trapezoidais de madeira. Litoral de Caminha, Moledo (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983:314).



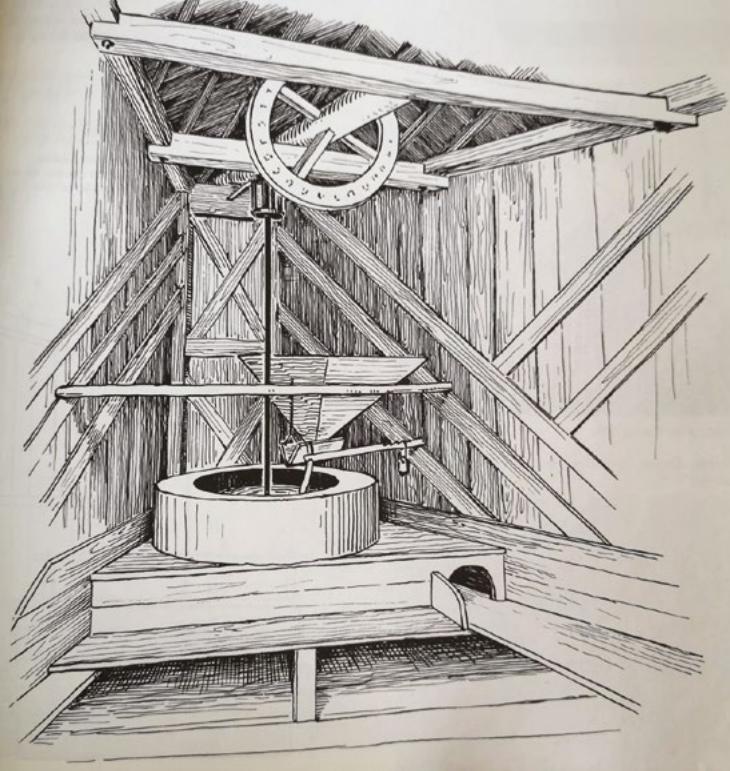


Figura 7 Desenho de pormenor do interior do moinho giratório da Brenha (Figueira da Foz), certamente semelhante ao moinho giratório de Meinedo.

madeira, como era usual, neste caso de oito braços. Inter-calando os braços metálicos encontram-se as amarrações que rematam nas pontas com pequenas peças circulares, as denominadas *buzinas*, que tanto podiam ser de barro como de lata, e que, “à passagem do vento, funcionavam como instrumentos de sopro com as respetivas caixas de ressonância, produzindo uma zoadá peculiar e contínua, que acompanhava a rotação do velame” (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983:339-340).

O velame era de chapa metálica com forma trapezoidal e não de madeira ou de pano, como era mais usual. Por outro lado, o desenho sugere e a descrição da matriz confirma, que o moinho possuía rodas metálicas, pequenas, neste caso quatro e seguramente flangeadas, assentes sobre um carril circular, que embora não mencionado, se supõe metálico. O acesso ao interior do moinho era feito através de

uma porta situada nas traseiras, à qual se acedia por uma escadaria uma vez que o moinho assentava não sobre o solo, mas sobre uma plataforma elevada, como era comum em algumas destas moagens giratórias.

Facto interessante é o desenho indicar a presença de um “rabo giratório” que permite mover toda a estrutura. Esta solução apenas encontra paralelo nos moinhos de vento giratórios da ilha Terceira (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983:469).

Não sendo conhecido o período durante o qual laborou esta estrutura eólica, persiste entre a família a convicção de que a sua utilização foi efémera. Facto que parece ser corroborado pelos registos da cobertura aerofotográfica de 1947, onde o cabeço do lugar da Quinta não ostenta qualquer construção que se assemelhe a um moinho de vento (CIGeoE, 1947). Ainda assim, tratou-se de uma pioneira e *sui generis* aproximação ao mundo dos moinhos de vento nas terras de Lousada facto que, por si só, merece ser assinalado e lembrado.

Bibliografia

CIGeoE - Centro de Informação Geoespacial do Exército (1947). Cobertura Aerofotográfica. Voo RAF (Royal Air Force). Foto: RAF47 5152 e 5154.

Decreto de 25 de Agosto de 1881, Regulamento da Contribuição Predial. *Diário do Governo n.º 193/1881*, pp. 232-254.

Decreto de 20 de Janeiro de 1898, Regulamento do Registo Predial. *Diário do Governo n.º 51/1898*, pp. 21-45.

Junta de Matrizes do Concelho de Lousada, 1936-1937. *Livros das Matrizes Prediais Urbanas do Concelho de Lousada*. Freguesia de Meinedo. Junta de Matrizes do Concelho de Lousada.

Melim, C. S. (2013). Moinhos de Vento do Porto Santo. O que foram, o que são e o que serão. *Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Nunes, M. e Lemos, P. (2021). Moinhos de Água do Concelho de Lousada: dez anos do Projeto MUNHOS. In Nunes, M., (editor). *Moinhos de Água, Paisagem, Território e Património*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, pp. 134-251.

Oliveira, E. V., Galhano, F. e Pereira, B. (1983). *Tecnologia tradicional portuguesa: sistemas de moagem*. Instituto Nacional de Investigação Científica.